



A EXPERIÊNCIA DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM LOCAL DESCONHECIDO: O PAPEL DA MAQUETE TÁTIL¹

QUEIROZ, Virginia Magliano

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, vimagliano@usp.br;

ONO, Rosaria

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, rosaria@usp.br

RESUMO

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado concluída que propõe explorar um conjunto de técnicas para avaliação da eficácia da acessibilidade implantada em parques para pessoas com deficiência visual. Na pesquisa foi realizada uma extensa revisão bibliográfica acerca do tema, além da aplicação dos seguintes instrumentos metodológicos da Avaliação Pós-Ocupação: entrevistas, grupos focais, passeios acompanhados e observações participantes. Neste artigo é analisado um passeio acompanhado especial, realizado com uma pessoa com cegueira congênita a um pequeno parque urbano da cidade de São Paulo, desconhecido do participante. Considerando as informações obtidas na fundamentação teórica e nos instrumentos metodológicos anteriormente realizados, optou-se pela utilização de uma maquete tátil para familiarização do participante com o parque em questão, e para definição do objetivo do passeio, bem como do trajeto a seguir. A utilização deste instrumento metodológico – Passeio Acompanhado – de forma modificada visou investigar a real necessidade de um conhecimento prévio do espaço a ser percorrido, e a eficácia de uma maquete tátil para localização e orientação de uma pessoa cega num parque desconhecido. Esta pesquisa possibilitou o aprofundamento sobre as limitações e habilidades das pessoas com deficiência visual, além do entendimento de sua percepção do ambiente, demonstrando ainda o desejo das pessoas com deficiência visual em percorrer espaços com total autonomia, e a real possibilidade desse fato ocorrer, mesmo em locais desconhecidos, desde que haja instrumentos facilitadores de orientação e acessibilidade.

Palavras-chave: Acessibilidade, Deficiência Visual, Parques Urbanos, Passeio Acompanhado, Mapa tátil.

ABSTRACT

This paper presents some results of a Master's research completed recently that aimed at the study of a group of techniques for the performance evaluation of accessibility in parks and squares for visually impaired persons. A deep bibliographic review about the theme was done, besides the application of the following methodological tools of Post-Occupancy Evaluation (POE): interviews, focus groups, accompanied walks, and

¹ Trabalho apresentado no IV SBQP 2015. Universidade Federal de Viçosa.
Disponível em: [doi> http://dx.doi.org/10.18540/2176-4549.6026](http://dx.doi.org/10.18540/2176-4549.6026)

participant observations. In this article a special accompanied walk, carried out with a congenital blind in a small urban park at São Paulo city, unknown to the participant, is analyzed. Considering the information obtained previously on theoretical foundation and methodological tools, the use of a tactile map was adopted in order to familiarize the participant with the park in question, and to define the goal of the tour, as well as his route. The use of this methodological tool – Accompanied walk – in a modified form aimed at investigating the real need for a prior knowledge of the space to be traversed, and the effectiveness of the tactile map for location and orientation of a blind person in an unknown park. This research allowed the study and understanding of the abilities and limitations of people with visual impairment and their specific way of environment perception in open spaces, demonstrating the desire of these people to go in spaces with full autonomy, and the real possibility of this fact to occur, even in unknown locations, when adequate guiding tools and accessibility are provided.

Keywords: Accessibility, Visually Impaired, Urban Parks, Accompanied Walks, Tactile Map.

1 INTRODUÇÃO

Os parques urbanos são a representação mais plena dos espaços públicos - locais de convivência na sociedade, com papel fundamental para as cidades, formalmente e funcionalmente, estimulando o lazer e a interação entre os usuários, melhorando a socialização e a valorização da comunidade. Por essas razões surge a necessidade de verificar a adequação destes espaços para as pessoas com deficiência visual, visto que estes têm o mesmo direito dos demais cidadãos, de percorrer todos os ambientes sem que precisem estar acompanhados de algum vidente (pessoa que enxerga).

Em entrevistas, grupos focais, observações participantes e passeios acompanhados realizados (QUEIROZ, 2014), as pessoas com deficiência visual demonstraram interesse em deslocarem-se sozinhas, com independência e autonomia, mas admitiram, em sua maioria, frequentar apenas locais conhecidos, e, se tratando de parques, somente fazê-lo acompanhados, por insegurança e falta de mecanismos e instrumentos que auxiliem a orientação no espaço.

Sobre parques, uma colocação dessas pessoas que deixou os pesquisadores intrigados foi que muitos informaram ser necessária uma familiarização prévia com o espaço, para então conseguir percorrê-lo. Porém, para esta familiarização, que normalmente é realizada por meio da caminhada acompanhada de um vidente que lhes fornecem informações sobre o espaço, poderia haver alternativas que proporcionassem mais autonomia, como os áudio-guias com audiodescrição², ou mapas táteis na entrada, e ao longo de todo o parque.

E é nessa última possibilidade que esse artigo se baseia; na inserção da maquete tátil como instrumento de familiarização com o espaço a ser percorrido, podendo ser consultada de tempos em tempos, e utilizada para encontrar espaços e equipamentos no interior do parque, bem como definir trajetos, e verificar saídas e entradas próximas.

² Audiodescrição é a narração descritiva, clara e objetiva, de todas as informações do espaço compreendidas visualmente.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento da referida pesquisa, utilizou-se o método de análise qualitativa, visto que se pretendia identificar e estudar aspectos subjetivos, pressupondo que a acessibilidade pode ir além das normativas atuais, incluindo, em maior grau, a percepção do ambiente pelas pessoas com deficiência visual. Para tanto, seria necessário o aprofundamento nos "significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas" (MINAYO, 1993, p. 22).

A escolha dos métodos a serem utilizados nesta pesquisa foi norteadada pelos princípios da Avaliação Pós-Ocupação (APO), "uma série de métodos e técnicas que diagnosticam fatores positivos e negativos do ambiente no decorrer do uso [...] levando em consideração o ponto de vista dos próprios avaliadores, projetistas e clientes, e também dos usuários" (ROMÉRO; ORNSTEIN, 2003, p. 26). A APO distingue-se de outros tipos de avaliações por considerar o nível de satisfação dos usuários, sem deixar de lado a análise dos especialistas sobre o assunto, realizando diagnósticos a partir do cruzamento das informações de diferentes fontes.

Com base nos princípios da APO, e considerando que "a complexidade das interações entre pessoa(s) e ambiente requer instrumentos diversos para sua plena investigação, uma vez que nessas relações estão envolvidos desde aspectos diretamente mensuráveis até dimensões subjetivas" (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008, p.75), foi adotada a abordagem multimétodos, com realização de entrevistas, vistorias técnicas, passeios acompanhados, grupos focais e observações participantes.

Neste artigo, será abordado um dos passeios acompanhados realizados, e seus resultados, devido as suas especificidades - parque desconhecido do participante; e utilização de maquete tátil para familiarização com o espaço.

2.1 O Passeio Acompanhado a um Parque Desconhecido

Os passeios acompanhados foram adotados devido a necessidade de inserir as pessoas com deficiência visual no espaço objeto de estudo desta pesquisa, fazendo com que percorressem alguns parques da cidade de São Paulo para analisar sua orientação e mobilidade, e sua percepção de forma mais direta e objetiva (QUEIROZ; ONO, 2014). Pois, segundo Dischinger (2000), é necessário buscar uma forma mais direta de obtenção da informação, pois nas entrevistas dificilmente obtêm-se informações sobre elementos positivos utilizados para orientação no meio urbano.

Quando optou-se por realizar um passeio acompanhado diferenciado, visando testar a eficácia da maquete tátil como instrumento de familiarização prévia em um espaço desconhecido, buscou-se ainda ter uma visão diferenciada, que não fosse arquitetônica, dessa experiência, com foco em como as pessoas com deficiência visual utilizam os elementos de cognição na leitura do espaço e em como é a percepção desse espaço por eles, compreendendo ainda os elementos utilizados para sua orientação e localização no ambiente.

O participante selecionado para este passeio foi um cego congênito de 62 anos, que não possui percepção de luz, e havia participado de um grupo focal para a referida pesquisa. Após uma breve conversa informal definiu-se o

Parque da Aclimação para o passeio, por ser um parque desconhecido pelo participante, e de pequeno porte.

Este passeio foi realizado no dia 30/11/2013, sábado, pela manhã, tendo duração de uma hora e vinte minutos. Contou-se com o auxílio de um fotógrafo voluntário, que acompanhou todo o percurso no parque, realizando os registros fotográficos. Além disso, o pesquisador realizou anotações dos acontecimentos relevantes, bem como gravação de áudio das conversas entre participante e pesquisador ao longo do percurso.

Para garantir os aspectos éticos da realização deste passeio, foi redigido um Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos, fornecido ao participante em Braille, solicitando sua assinatura. Além disso, foi necessário pedir a autorização do parque para realização do passeio, entrando em contato com os responsáveis por telefone e e-mail.

Após a realização do passeio, a gravação em áudio foi transcrita, as fotografias selecionadas, e o percurso destacado na planta do parque. A análise foi realizada através da triangulação das informações contidas nas fotografias, anotações e conversas transcritas, com a categorização dos assuntos relevantes à pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O passeio acompanhado ao Parque da Aclimação foi realizado em dia ensolarado e sem nuvens, com temperatura agradável, em torno de 21°C. O pesquisador se encontrou com o participante e o fotógrafo voluntário numa estação de metrô, seguindo juntos, de ônibus, até o parque, onde o participante foi guiado até a entrada. Já no interior do parque, o participante teve acesso à maquete tátil produzida especialmente para esta pesquisa, sendo informado que poderia recorrer ao instrumento sempre que julgasse necessário.

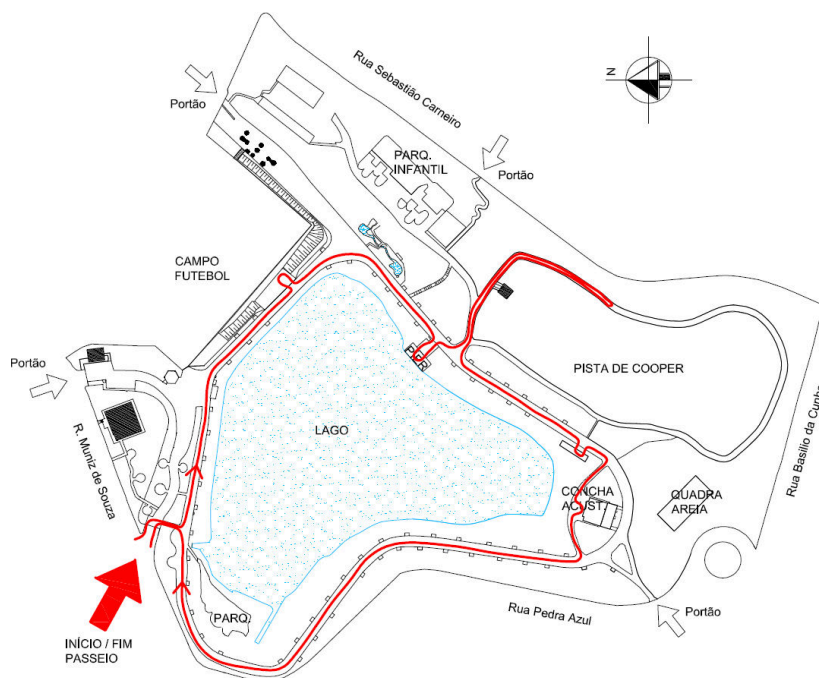
O percurso realizado baseou-se nesse reconhecimento tátil, onde o participante definiu seu objetivo final, além dos caminhos e ambientes que lhe atraíam ao longo do passeio.

Os pontos mais relevantes no que tange à acessibilidade do parque para as pessoas com deficiência visual, sua orientação e deslocamento, bem como as sensações provocadas no participante são apresentados a seguir.

3.1 Descrição do Passeio Acompanhado

O passeio acompanhado teve início pelo portão da Rua Muniz de Souza, localizado próximo à Rua Pedra Azul, chegando até a Concha Acústica e retornando até o mesmo portão, como sinalizado a seguir (FIGURA 1).

Figura 1 – Percurso destacado em vermelho - Parque da Aclimação.



Inicialmente, a maquete do parque foi colocada sobre uma mesa de concreto localizada em um bolsão de estar próximo ao portão de entrada, sendo tateada pelo participante para elaboração de seu mapa mental (FIGURA 2). No primeiro contato com o material ele elogiou a experiência, afirmando que era possível ter uma boa ideia da configuração geral do parque, do seu formato, suas curvas e caminhos (FIGURA 3), identificando o lago e sua dimensão (FIGURA 4). Para uma maior compreensão do parque, o pesquisador realizou uma descrição geral do mesmo, possibilitando ao participante a identificação dos sanitários e edificações importantes, além de ambientes e pontos atrativos. O participante aproveitou a oportunidade para destacar que essa experiência, em conjunto com uma familiarização do local, pode ser muito útil para autonomia e independência da pessoa com deficiência visual.

Legal! É, isso realmente dá uma bela noção de espaço, da onde a pessoa tá pra onde ela quer ir, se ela tem que ir pra esquerda ou pra direita, enfim, né, isso com o tempo, a pessoa usando... conforme a pessoa for familiarizando com o espaço que ela quer... [...] Olha, eu gostei, bem bacana. Interessante. (Informação verbal)³

³ Informação fornecida pelo Participante em 30 de novembro de 2013, São Paulo.

**Figura 2 – Participante
tateando a maquete tátil
do parque.**



**Figuras 3 e 4 – Participante
percebendo caminhos e lago
na maquete.**



Familiarizado, o participante selecionou o trajeto a ser realizado e recebeu do pesquisador uma descrição do caminho, à medida que o percorria com as mãos na maquete tátil, sugerindo que houvesse esse tipo de descrição também no percurso real. Infelizmente, não se pôde realizar tal descrição pois durante o caminho, o pesquisador precisava escutar o participante, suas sensações, dificuldades, facilidades e inseguranças, percebendo como a maquete tátil o auxiliava ou não na realização do percurso, sua orientação e localização.

Enquanto tateava a maquete repetidas vezes, a fim de memorizar o trajeto que faria, o participante sugeriu que, na elaboração de um mapa definitivo, fossem colocadas identificações em Braille nas ruas existentes nos limites do parque, para uma melhor orientação em relação ao entorno.

Outra sugestão do participante foi em relação aos parques muito grandes, como o Ibirapuera, onde pondera que a maquete, talvez, seja inviável na escala adequada para compreensão tátil. Ele sugere, então, que sejam disponibilizados vários mapas, o primeiro apenas com o contorno do parque e identificação das ruas no entorno, sem maiores detalhes, apenas para um entendimento geral das dimensões, formas e localização no entorno imediato; o segundo, de mesma escala, com delimitação de setores do parque que seriam detalhados em outros mapas, em escala maior. Segundo ele, "seria uma forma de contornar esse problema do tamanho. Se uma pessoa seguir uma maquete muito grande ela se perde".

Quanto à localização das maquetes no parque, o participante afirmou que seria suficiente coloca-las no início do parque, próximo à entrada, no prédio da administração, por exemplo. Mas ao longo do percurso realizado, solicitou a maquete tátil para localizar-se e orientar-se melhor por cinco vezes.

No início, o participante se orientou bem pelas informações que obteve na maquete, indicando exatamente a posição do lago, da biblioteca, de outro portão de entrada, e de um playground infantil.

Pouco mais à frente, ainda se localizou bem, fazendo pequenas confusões por não estar familiarizado com o espaço e não ter conseguido memorizar toda a configuração do parque, localizando todos os espaços e caminhos existentes, questionando a ausência de referências que lhe auxiassem nessa localização.

Visando seguir o percurso proposto, o participante procurou o píer visto na maquete, já que o utilizou como referência para localizar uma longa escada na margem oposta, que daria acesso ao playground infantil da parte superior do parque. Tentando localiza-lo, teve dificuldades devido à ausência de

rebaixamento da guia. Sendo informado pelo pesquisador que havia passado de sua entrada, retornou e tentou encontrar alguma referência que sinalizasse a presença do pier, encontrando-o facilmente ao bater a bengala no cimentado ao seu lado. Ele afirmou que, por ser sua primeira vez no parque, acaba passando por situações desse tipo, precisando identificar sempre referências que o auxiliem numa segunda visita.

No deslocamento pelo pier, o participante demonstrou conhecimento prévio sobre a presença de degraus e do parapeito, informações fornecidas pela maquete tátil. E, ao percorre-lo, tirou proveito da noção que a maquete lhe deu para compreender melhor o ambiente, e imaginar a paisagem à sua frente.

Saindo do pier, o participante teve pequenas distorções quanto à localização da escada que acreditava estar à sua frente, pois ela já havia ficado um pouco para trás. Mas, quando o pesquisador indicou que na margem oposta ao pier, exatamente à sua frente, estava a subida rampada, ele logo se localizou e seguiu por este caminho. Porém, quando se sentiu seguro em relação ao trajeto a fazer até o sanitário, o participante caminhou rápido e confundiu os caminhos por não lembrar nem perceber uma bifurcação. Neste momento, o pesquisador interferiu, informando-o de tal confusão, e a maquete tátil foi consultada para que a dúvida fosse sanada e o percurso retomado.

Após localizar-se na maquete, o participante optou por retornar à entrada e seguir mais próximo à guia lateral esquerda, visando não confundir-se novamente com a bifurcação existente à sua direita. Passado o início do caminho, aproximou-se da guia lateral direita visando identificar a entrada do banheiro, presente nesta margem da pista, localizando-o facilmente apesar de não possuir rebaixamento de guia. Essa facilidade deve-se ao conhecimento de sua existência, que fez com que fizesse um rastreo diferenciado, tocando a bengala no canteiro que ladeava o caminho frequentemente, visando identificar o caminho cimentado de acesso. Já para identificar qual é o banheiro masculino, a dificuldade foi grande, e o participante afirmou que precisaria que algum vidente o informasse.

Em frente aos sanitários, novamente o participante demonstrou ter conseguido familiarizar-se com o parque através da maquete, indicando a direção de outro caminho e informando que o levaria até o playground superior.

Enquanto caminhava pela pista de caminhada mais reservada, o participante solicitou a maquete tátil pela segunda vez, visando recordar o mapa e identificar o caminho mais curto para retomar a pista principal. A partir daí, conseguiu facilmente retomar à pista que margeia o lago, identificando-a quando a acessou e localizando-se bem no parque, indicando qual o próximo ambiente a ser percorrido e sua provável localização. A boa memória do participante surpreendeu o fotógrafo, e ele explicou que fez um mapa mental do parque ao tatear a maquete, conseguindo localizar-se bem no espaço através dele.

Apesar de estar bem localizado e realizar o rastreo diferenciado com a bengala visando encontrar a entrada para o pergolado, esta não foi identificada pelo participante que passou direto pelo acesso cimentado (FIGURA 5) e pelo caminho de placas cimentadas em meio à grama (FIGURA 6), confundindo este último com divisórias de canteiro.

Adentrando o pergolado, explorou-o com a bengala, conhecendo sua configuração e sua estrutura, elogiando o espaço, afirmando ser muito agradável, principalmente para relaxar e ler um livro. Antes de sair do ambiente, o participante solicitou pela terceira vez a maquete para conferir seu mapa mental (FIGURA 7), identificando a localização da entrada para a Concha Acústica, seu objetivo no trajeto.

Mesmo imediatamente após visualizar o caminho na maquete tátil, o participante confundiu-se e passou direto pela entrada que desejava percorrer, mesmo esta possuindo guia rebaixada. Sendo avisado pelo pesquisador, afirmou ter se distraído por acreditar que o acesso estava um pouco mais distante da saída do pergolado.

Diante desta situação, o pesquisador questionou se essa necessidade de estar sempre atento ao caminho percorrido atrapalha no aproveitamento pleno do parque, e o participante afirmou que a primeira visita normalmente é tensa, pois é necessário redobrar a atenção, mas posteriormente torna-se algo natural.

Figura 5 – Acesso passando despercebido.

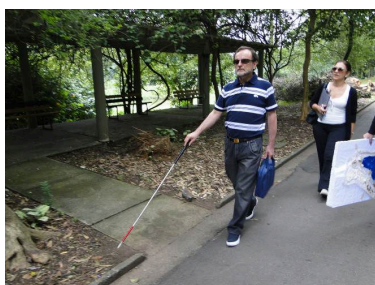


Figura 6 – Participante confundindo-se.

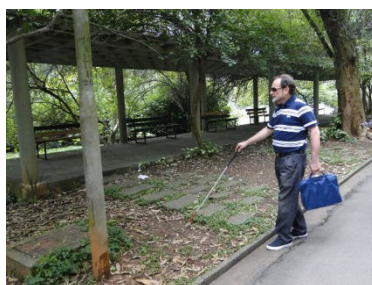
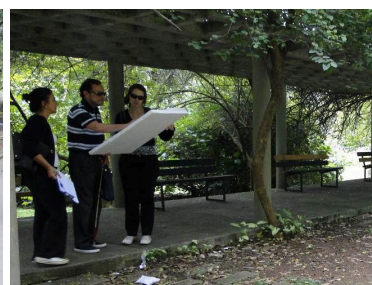


Figura 7 – Participante consultando maquete tátil.



Chegando à Concha Acústica, o objetivo foi alcançado e o participante realizou considerações sobre o percurso realizado até então, comentando que a experiência foi muito positiva, e destacou a importância da maquete: “Eu tenho a comentar que foi muito legal. Sem essa referência da maquete, eu não enxergaria nada que tem. Eu não chegaria a ponto nenhum. Sairia de um lugar pra não sei onde, entendeu? Agora não, eu já tinha um objetivo.” (Informação verbal)⁴

Neste momento, o participante visualizou a maquete tátil pela quarta vez para decidir o caminho de volta, e com o percurso definido caminhou confiante e seguro, afirmando que era possível “andar mais rápido, mais descontraído” por tratar-se de uma pista de caminhada simples ao redor do lago, onde não precisava atentar-se aos acessos ou ambientes a percorrer, visto que objetivava chegar à saída do parque, que estava distante, além de não haver ciclistas e patinadores pelo caminho, o que o deixava mais seguro.

Quando acreditava aproximar-se da saída do parque, o participante sentiu a necessidade de visualizar o mapa novamente, pela quinta e última vez, identificando as referências que utilizaria para encontrar o portão e recebendo dicas e orientações do pesquisador quanto aos obstáculos no caminho.

⁴ Informação fornecida pelo Participante em 30 de novembro de 2013, São Paulo.

Como se aproximava de seu destino, o participante demonstrou ter boa noção de distância e de escala, seguindo pela guia direita para fugir dos bolsões com aparelhos de ginástica, e atravessando a pista quase exatamente em frente à escada de acesso ao portão de saída.

Para sair do parque, não encontrou dificuldade alguma, orientando-se bem e sabendo exatamente para onde deveria seguir, sendo lembrado apenas do fato do portão encontrar-se semiaberto, o que poderia configurar-se como obstáculo.

3.2 Análise do Passeio Acompanhado

O parque, de uma forma geral, facilitou o deslocamento do participante, sempre com guias laterais, apesar de, em certos momentos, não serem utilizados por não haver necessidade - como quando ele caminha sem procurar acessos, caminhos ou ambientes, desejando apenas seguir a via. Por outro lado, quase todos os caminhos e acessos a ambientes não possuem rebaixamento de guia ou qualquer outra indicação, passando despercebido pelo participante, que segue o meio-fio.

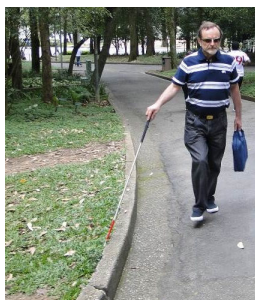
Tendo percorrido parte do parque, o participante descobriu uma forma de identificar os ambientes e percursos que não possuem identificação de entrada por guia rebaixada, pois percebeu que todos os caminhos são ladeados por gramados ou vegetação rasteira. Dessa forma, sempre que estava procurando algo, iniciava um rastreamento diferenciado, como citado anteriormente, elevando frequentemente a bengala e tocando o solo ao lado do caminho para verificar se havia ou não calçamento (FIGURA 8), visto que as partes com pavimentação são sempre caminhos ou acessos. Ele afirmou funcionar como uma boa referência, e também para identificação dos bancos existentes ao longo da pista principal de caminhada (FIGURA 9).

Porém, utilizando-se dessa técnica em certo momento do passeio, o participante confundiu-se ao identificar uma placa de concreto elevada e acreditar ser um caminho a seguir, subindo na mesma, que estava instável, e levando a lugar nenhum (FIGURA 10), sendo informado pelo pesquisador do que se tratava e retornando à pista.

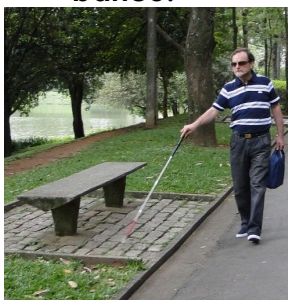
As lixeiras passaram todas despercebidas e o único bebedouro identificado foi por acaso, por configurar-se como um obstáculo avançando sobre o caminho, necessitando de interferência do pesquisador para evitar o choque (FIGURA 11). Porém, o participante afirmou não ser um obstáculo por não apresentar risco, visto que não é cortante nem perfurante, mas logo se retratou ao tatear uma quina viva no bebedouro, que poderia causar acidentes inclusive com crianças pequenas.

A vegetação também se configurou como obstáculo ao longo de quase todo o parque, pois existem plantas espinhosas ladeando a pista de caminhada principal e o corrimão da escada lateral à entrada, além de estar presente ainda na planta que cobre o pergolado. O participante sempre foi avisado pelo pesquisador de tal obstáculo, e indignou-se com essa situação, afirmando que oferece risco também para as crianças, e para qualquer pessoa que se desequilibre ou tropece.

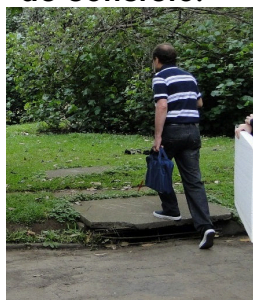
**Figura 8 –
Rastreamento
diferenciado.**



**Figura 9 –
Participante
identificando
banco.**



**Figura 10 –
Participante
subindo em placa
de concreto.**



**Figura 11 –
Pesquisador
evitando o choque.**



Poucas foram as sensações percebidas ou informadas pelo participante, destacando-se a percepção do grande espaço livre à sua direita, que identificou ser o lago pela familiarização proporcionada pela maquete tátil. Ele ainda identificou árvores densas ou muito próximas quando fechavam o visual do lago e quando o espaço abria-se novamente.

Quando passava pela pista de caminhada mais reservada do parque, o participante afirmou que gostaria de entrar pelo meio do gramado e da vegetação, sem um caminho definido, para percorrer e conhecer o espaço, principalmente se o informassem sobre a existência de bancos em meio às árvores e a inexistência de obstáculos ou riscos de queda, como precipícios e barrancos.

Continuando nesse caminho, o participante demonstrou interesse em conhecer o espaço a sua volta, explorando com sua bengala o ambiente, e identificando a presença de árvores acima de sua cabeça através da sombra sonora, mesmo onde a folhagem encontrava-se muito acima da sua cabeça, e não muito adensada.

Durante o percurso, muitos sons foram percebidos, alguns confundindo e outros auxiliando o participante. O barulho de crianças, por exemplo, fazia com que acreditasse estar próximo do parquinho infantil quando na verdade elas estavam brincando e correndo na própria pista de caminhada. Em outra situação, o participante aproximou-se de onde acreditava localizar-se a Concha Acústica, ele produziu sons e através da reverberação certificou-se de sua localização.

O som dos automóveis foi referência para indicar a proximidade da via e conseqüentemente dos limites do parque, servindo como sinalizador da proximidade do portão de entrada. E o barulho emitido por uma moto na via também foi utilizado para fazê-lo identificar a curva que o caminho faria logo à frente.

A arquibancada do campo de futebol, que não possui rebaixamento de guia e não é facilmente identificada pelo participante, tem um diferencial sonoro por localizar-se ao lado do Reservatório de Amortecimento. Segundo o participante, o barulho de água corrente poderia servir de referência, indicando a proximidade da arquibancada, numa segunda visita ao parque, já familiarizado.

Existem ainda aqueles sons que foram apenas ignorados, como quando um helicóptero sobrevoava o parque, emitindo um som muito alto e perguntou-se ao participante se o barulho não lhe tirava a concentração, tendo como resposta que não interferiu em nada, mas quando é o caso, ele apenas para um pouco e espera o som diminuir ou, nesse caso, o helicóptero passar. Já os odores não foram relevantes no passeio.

Ao final do passeio, o participante declarou ter gostado do parque, definindo-o como fácil de se orientar, destacando como pontos positivos do percurso, os recantos mais tranquilos e a proximidade com a natureza. Não foi apontado nenhum ponto negativo e o participante afirmou que voltaria sozinho ao Parque da Aclimação após esse primeiro passeio que contou com o auxílio da maquete tátil. Ele ainda declarou que: “é um parque tranquilo, se eu morasse aqui perto eu já faria esse percurso sozinho, com autonomia” e defendeu que a vivência de um parque não é apenas visual, o ambiente deste parque fez com que quisesse frequentá-lo para relaxar, ler um livro ou caminhar, mesmo que sozinho.

Desta forma destaca-se a importância da inserção da maquete tátil à experiência, pois os outros participantes cegos da pesquisa declararam que não teriam condições de retornar sozinhos aos parques, a não ser que tivessem um acompanhamento de algum vidente (QUEIROZ; ONO, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passeio acompanhado foi a ferramenta que mais trouxe subsídios para a pesquisa de mestrado em questão, possibilitando ao pesquisador perceber dificuldades ou facilidades de deslocamento que nem mesmo os participantes sabiam ou descreviam nas entrevistas.

O passeio experimental analisado neste artigo atentou às características básicas do Passeio Acompanhado descrito por Dischinger (2000). E diante da necessidade de experimentar a familiarização de um ambiente por meio de uma maquete tátil, o pesquisador adaptou o instrumento metodológico, fazendo o participante percorrer um local desconhecido, guiando-se pelo mapa mental construído a partir da maquete tátil do parque em questão.

A experiência obtida neste passeio vai de encontro às informações obtidas nas entrevistas e nos grupos focais realizados junto às pessoas com deficiência visual (QUEIROZ, 2014), onde os entrevistados afirmaram ser necessária uma familiarização do ambiente antes da utilização de uma maquete tátil. Os resultados deste passeio demonstram que, na prática, a maquete tátil funciona mesmo numa primeira visita ao parque, como um instrumento de familiarização com o ambiente.

A maquete tátil proporcionou ao participante um conhecimento prévio do parque, possibilitando a construção de um mapa mental a partir dela. Essa experiência possibilitou ao mesmo perceber a configuração do parque, localizar o lago, edificações, ambientes e até a presença de escadas ao longo do passeio, realizando apenas algumas confusões por ser a primeira visita e ter tido pouco tempo para memorizar a maquete.

Considerando que o participante necessitou rever a maquete tátil por cinco vezes durante o passeio, destaca-se a necessidade do ambiente oferecer mapas táteis espalhados pelo parque, em pontos cruciais, como grandes bifurcações.

É importante destacar que o fato do participante encontrar-se um pouco tenso no passeio, por necessitar de uma atenção redobrada, preocupando-se com o trajeto a seguir, não aproveitando plenamente o parque, nem as sensações que o ambiente lhe proporciona, não preocupa o pesquisador, visto que essa situação tende a se modificar em posteriores visitas, tornando-se algo natural.

Para futuros trabalhos, sugere-se o desenvolvimento de novos estudos nesse sentido, pois não é possível afirmar que a maquete tátil é suficiente para a familiarização de um parque baseando-se em uma única experiência, com uma única pessoa com deficiência visual. Estudos que abordem, inclusive, repetidas visitas de um mesmo participante ao mesmo parque, para verificar se realmente a tensão é diminuída e o passeio torna-se algo natural, podendo aproveitar-se melhor das opções que o parque lhe proporciona.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de mestrado junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP: 2012 - 2014); à fotógrafa voluntária Fernanda Falcão; e ao Participante.

REFERÊNCIAS

DISCHINGER, M. **Designing for all senses: accessible spaces for visually impaired citizens**. 2000. 260f. Thesis (Doctor of Philosophy) – Department of Space and Process School of Architecture, Chalmers University of Technology, Göteborg, Sweden.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.

PINHEIRO, J. Q., ELALI, G. A., FERNANDES, O. S. Observando a Interação Pessoa-Ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GUNTHER, Hartmut (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 75-104.

QUEIROZ, V. M. **Acessibilidade para pessoas com deficiência visual: uma análise de parques urbanos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

QUEIROZ, V. M., ONO, R. Avaliação da acessibilidade para pessoas com deficiência visual em parques: o passeio acompanhado como instrumento metodológico. In: MONT'ALVÃO, Cláudia; VILLAROUÇO, Vilma. (Org.). **Um novo olhar para o projeto: a ergonomia no ambiente construído**. 1ed., v. 2. Recife: Editora UFPE, 2014, p. 229 - 247.

ROMÉRO, M. A.; ORNSTEIN, S. W. (coord. e org.). **Avaliação Pós-Ocupação: métodos e técnicas aplicados à habitação social**. Porto Alegre: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ANTAC) – Coleção Habitare, 2003.